

## A caminho, com Castro Guerra!

O desafio crucial de quem escreve costuma vir da pobreza idiomática, incapaz de refletir, integralmente, o que se guarda no espírito. E, quando disso se aproxima, a obra se plenifica, como em Dom Casmurro, por exemplo, onde sabemos mais sobre Betinho, Capitu e Escobar do que eles sobre si mesmos.

Depois de ler *Vozes Estivais do Estro*, nossa visão de sertão se transmuda para algo que gruda em nós, evidenciando o domínio do autor sobre a realidade que retrata, manejando, com maestria, o *verbo*, este ser selvagem e escorregadio, em estenuante literaturar.

Castro Guerra, ou simplesmente *Dr. Gildásio*, que se sabe é um verdadeiro ínclito magistrado, na acepção inteira e desejada da palavra, antecede-me no tempo e no saber, aqui, em muito, na experiência de vida e, por óbvio, na amplitude intelectual.

Por tais constatações, outra não seria a razão do chamado a esse processo literato, senão a imerecida amizade com que me distingue, a ponto de confiar a nós outros, em irrecusável intimação, estas palavras alusivas a uma obra que trata, com inédita densidade e realza poética, a intimidade do nosso sertão.

Amizade, aliás, nascida, por certo, da influência de sua *Ida*, homenageada neste livro, minha estimada colega de sala, de modos simples e suaves, educação e gentileza cativantes, do que sou testemunho desde os idos tempos ginasianos.

Ela, por certo, presente do Olimpo ao vate, agora oitentão, que se declara embalado pelo esto diante da musa inspiradora. E, assim, espalha pérolas, na forma de versos, com mensagens que, como costume repetir, tanto o espírito humano está a necessitar, posto que o segredo da vida reside no ser (*verbo*) humano!

A leitura toca o coração, no recôndito das dores e amores desse chão, onde o umbigo de cada um fora enterrado, cuja lembrança nos persegue. Se o leitor for dos litorais, certamente dirá: *“Quero ir, correndo, beber da seca do sertão!”*.

O encantamento começa na “Dedicatória”: *“Este livro é para Ida, minha esposa”*. E, na modéstia dos desprendidos, escreve, em “Observação”:

*“Se estes meros cantos de estio ecoarem a nível de um simples gorjeio de pássaro que seja, estarão cumprindo já os objetivos augurados: dizer de sertões, catingas e cerrados...”*.

Ao ler, por exemplo, o dizer de *“Questão de gosto”*:

*Gosto quando as tardes morrentes, às quebradas/ mandam avisos sobre as vindas do arrebol/ e elas se pejam por temer raios de sol/ que as despem, sem pudor e as deixam envergonhadas...*

*Gosto da boca escancarada das chapadas/ que erguendo seus taludes vão fazendo o rol/ das serranias que apuram em seu crisol/ o azul-fino em céus de virgens cumeadas...*

... quedo-me a indagar do por que não vermos e vivermos, todos, pelo gosto desta ótica poética, para, assim, o mundo se alinhar pela régua e compasso do Criador. E por que os amantes, aqui na primeira significação, não se referem uns aos outros também assim:

*Gosto da boca que derrama a aurora alba/ gosto da prata da boca da estrela-d'alva/ gosto da boca da catinga na florada...*

*Gosto da boca em águas da boca das águas/ gosto da boca que sorri e expunge as mágoas:/ gosto da boca em tua boca – Minha Amada!*

O mundo e, com ele, as pessoas, é e será sempre tal como a imagem que dele cada criatura faz dentro de si. Daí a sua natureza multifacetada, mas, entre todos, os que melhor o retratam são os poetas, esses, muitas vezes, incompreendidos mensageiros de Deus!

Até aqui, fugi de qualquer análise literária ou biográfica, pelo fato simples de não saber fazê-lo. Escrevo como qualquer leitor o faria, se tivesse a oportunidade. Os poemas, dentre os quais muitos sonetos, em cada verso, falam por si mesmos, na extensão técnica e na nudez biográfica.

Está lá, hão de concordar os que tiverem lido, o rigor no trato poético, desde a severidade métrica dos sonetos ao abuso, o bom abuso, no manejo concretista, nas incursões modernistas a que, não se arriscou e, sim, o fez com a segurança e concretude de um verdadeiro menestrel.

No biográfico, exsurge o autêntico homem do sertão, numa simbiose em que se tornam indistinguíveis o juiz, o literato, o advogado e o homem simples, enfim, o amado e o amante, lembrando, de algum modo, a heteronímia de Fernando Pessoa.

Mas, acima de tudo, está o AMANTE, aquele que ama, a revelar-se para a MUSA, na inteireza do ser, que não esconde as emoções, que vive a vida em obediência ao comando da Criação.

A farta sensibilidade ainda o levou a lembrar-se de tantos nomes, como de D. Artemisa, a sogra querida, recentemente falecida (*quantos ingratos esquecem as sogras!*), que lhe dera o ser que ama – *Ida*, que tanto o inspira e o faz, não apenas ser, mas também parecer jovem, mesmo depois de oitentar.

O sertão, Livramento, a Serra das Almas, a cachoeira, os rios mortos, a caatinga, o sol, a noite, os bichos, o chão esturricado a queimar pés e destruir precatas, povoam as páginas deste livro, na lira e na crítica de quem conhece e se interage com seu meio ambiente. No tópico preambular, já o poeta se revela:

*(...) Neste contexto tão medonho, de realidade trágica, quê dos corações dos poetas e cronistas?! ... Pedir a Deus, a Nossa Senhora do Livramento, às almas da serra, aos governantes, a qual afinal?! ...*

*Nada podem estes aedos utópicos de poetas e cronistas, além de exibirem as entranhas da realidade em chamas, judiando, sufocando consciências e corações! (...)*

A segura do sertão, no entanto, não desvanece o lirismo e a crença no que é escrito, ao contrário, é até suavizada e tornada uma flor poética, como em “Naufragar em Luzes”, no suave desejo de, assim como águias ufanantes, querer

*“(...) naufragar em infinitos/ junto com musas e almas,/ que tantas são as saudades/ dos amores já vividos/ que nunca se eternizaram! ...”.*

Castro Guerra funde-se à natureza, na simbiose de versos como:

*“Quando o caudal do rio beija as fráguas/ do alcantil e faz jorrar em espumas sua torrente .../ faz como eu que ao derramar o pranto,/ as mágoas minhas desejo sufocar em brumas .../ se não todas que guardo, ao menos umas almejo, avidamente, afogar nas águas ...”.*

E entrega-se à “... vida que medra exuberante na flor da orquídea, a flor de Ida!” e, no lombo do “ruço-pombo”, “alforje duplo, com farta matalotagem”, segue, na direção do Oeste, apenas para “... cumprir o dizer da tradição sertaneja...”, cravar outro machado, no tronco do jatobá frondoso, onde, há sete anos, já cravara o dos setenta, só para alcançar mais anos dessa vida.

O sertão continua impregnado no coração, ao lembrar os cantos de antanho, no “Estro Pungente”:

*“...é o meu carro de boi/ chumaço de mandeira-nova.../ o meu engenho banguê/ que não mais lamuria/ pelas madrugadas.../ os assanhaços saltitantes/ pelas almanjarras...”.*

Desse sertão, nada escapa das nuvens fugidias, em “Mutações”, que, depois de envolver o Pico das Almas, como odaliscas sedutoras, fogem para o mar, desnudando a serra ígnea, “porque, em estos, as névoas se perderam...”. Mas registra, em “Buquês das Almas”, um milagre que a seca não extingue, o ipê-roxo, que “... simplesmente ofertam,/ em quadras anômalas de primavera,/ aquelas florações lilases/ para as almas imortais ...”, habitantes daquelas “vastas serranias”.

A recorrente preocupação ambiental é emblemática em “Visita à pia batismal”, onde traça a saga da morte do “Velho Chico”, que forneceu a água em que se batizou:

*“(...) Ah – Vei! Que dor senti ao ver-te!/ Tive instintos de recorrer a Zeus/ e à ira de Aquiles contra os troianos/ ou de erguer a espada de aço sarracena/ com que os cristãos tomaram Jerusalém,/ tudo para por termo à incúria dos governantes contra a Natureza... (...)”.*

Homenageou o saudoso Mozart Tanajura, professor e refinado intelectual livramentense, levando-o para a paisagem natal, que tanto refere e admira:

*“Ele se eternizou – subsistiu ali/ nos ares da Serra das Almas ele existe.../ Apenas eu, mortal, ainda não parti/ fiquei com esta saudade que a doer persiste...”.*

E o vate vai se afundando no sertanejar:

*“(...) Quero minh’alma a vagar em ermas plagas/ ouvindo os gritos afoitos das sariemas/ ou a se consolar no canto dos acauãs/ que vaticinam as primeiras chuvaradas... (...)”.*

Em “Várzea de Dentro”, cria um personagem que vaticina a seca (seria a estiagem de hoje?):

*“- Com pouco,/ num belo dia de sol,/ Narciso não vai poder mais olhar/ seu rosto de anjo no espelho/ lá nas águas da lagoa!”.*

Estou na página 65 e antevejo vislumbres condoreiros desse vate do sertão, que não foge da rigidez métrica, quando ela se impõe, mas também sabe passear pelo concreto, quando se faz mister, sem vergonha.

A desolação do sertão vem em “Fogo Morto”:

*“A casa grande/ com sete janelas de frente/ e uma porta/ tudo fechado!... (...) Não havia canaviais/ nem pranto de carro de boi (...)”.*

Em “Cantilena do Rio”, referindo-se ao Rio Brumado, revela o profundo conhecimento da geografia de Livramento: *“(...) vai à Piabanha,/ logo, logo ali/ recebe o abraço do Rio Taquari (...)”.* Na rota do Rio, chega aos tempos predatórios: *“(...) sofre, sem remédio,/ motores e bombas/ sugando seu sangue/ como sanguessuga... (...)”.*

Em “Hidrolatria”, chora a morte da “mãe taquarussu”:

*“...haverá de ser erguida uma cruz/ nem que seja em linha-d’água/ para velar a morte das águas/ que formavam a Lagoa Grande...”.*

Se falar em “pé de pau” para um informático de hoje, com certeza ignorará, pois é cepa vocabular do sertão. Mas o poeta, por assim dizer, da roça, canta, de peito cheio, aquelas vidas sertanejas:

*“...pau que era, era, engrossa tanto/ que apenas serrotão pode vencê-lo/. Madeira para carro de boi:/ meão, cocão, cambota, galsthalho/ tábua, chumaceiro, cheda... tudo...”.*

Repartiu o coração em profusão de dedicatórias, como a dizer que nos sertões, ou não, gente de consideração mora no peito e, quando o tempo passa, nada se esquece, muito se chora e, muitas vezes, a doida saudade leva o amigo ido ou ainda retido, com afeto vivido, para o divino espaço de um verso. Assim, estão lá:

Ida, Artemísia, Ana Maria, Cristiano, José Bonifácio, Thaís e Thales, Nondas e Lia, José Ormesindo, Dôra e Chico, Patrício, Maria do Céu e Ary, Carlos, Zeni e Bite, Mari e Leo, Sônia e Bené, Padre Sinval, Elvira, José Pedro, Lila, José Assunção, Magdônio, Edival, Dími, Dan e Leo, Valério, Gilvandro, Teodoro, Elemar, Zé Walter, Padre Tadeu,

João Correia, Arlito, Juvino, Roque, Nei, Professor Deba, Aurélio, Carlos Alberto, Malungo, Carlos Jehovah, Almerindo, Francisco, Miguel, Ulisses Lega, Júnior e Lu, Esechias.

O segredo do poeta é ter um coração ameno, mole e apaixonado, nascendo e vivendo na dureza do sertão, que o verso nunca trai:

*“...carcará deliba os altos ares/ cascavel bate chocalho em carrasco/ sabiá canta em laranjal de alagadiço;/ caxinguelê fura coco licuri/ ipê-roxo floresce nas encostas/ capoeira troca de saia todo ano...”*.

No túnel do tempo, emerge à mente a infância risonha, de sonhos saltitantes, quando, ao adentrar a “casa grande”, a imagem do “cavalinho branco” cintila na lembrança. Feito de “*uma vara de caraíba, descascada, certinha*”, lá estava, porém, “*encostada num canto de parede*”, a madeira podre, “*tanto foi o tempo decorrido*”, e “*o cordão das rédeas caído no chão*”.

Nenhuma análise literária alcançará, assim, as profundezas do coração que o poeta expõe. A seca e seu flagelo, como parte da vida dos sertões, a desgastar precatas e a sangrar os pés, nos seixos e chão escaldante: “*...Pés calosos a sangrar/ nos cascalhos e seixos das trilhas,/ sem uma gota-d’água na cabaça,/ desde eras e eras, em fora...*”. E, como em “Alma-de-gato”, “*Nas plagas altas/ da Serra Geral,/ quando as sombras tisnam/ as ermas paragens,/ não há um viajor, sequer*”.

Viajou pela “cidade perdida”, no alto do Igrejil, supostamente pré-incaica, pela primeira vez em jornal em reportagem deste escriba, guiado pelo visionário Gabriel Baraldi. Do que restou efetivamente de cidade, o poeta assim descreve:

*“...Podes ir, Caríssimo,/ nas belas noites de luar,/ pelos arredores todos,/ ouvirás sons agourentos/ como de sopranos desafinados,/ ouvirás a mãe-da-lua gritando,/ aleivosias de duendes da mãe-da-mata/ vultos de assombrações...”*.

Tal como se fizesse troça da vida, rompendo a lógica que aprisiona, escreveu, sentiu, viveu, viu e escreveu, deixou para, só no finalzinho do livro, nascer, se no figurado ou no real, não sabemos:

*“Nasci por mão de Parteira/ com um vagido tão fraquinho/ que a minha aparadeira/ exclamou: ‘Nasceu miudiinho!’/ Já ia o sol bem baixinho,/ foi bem numa sexta-feira/ a cama era um girauzinho/ em varões de pau-pereira...”*.

Volta às águas, no “Monólogo do Rio Brumado”, como no Natal dessa corrente divina, que a tantos a sede matou e que, agora, ao que tudo indica, inexoravelmente, resta morto:

*“Morto, será meu leito a minha própria cova e a eterna solidão das margens será prova de que um rio que morre não volta jamais...”*.

O autor canta, ou chora, o sertão, não como algo fatal, determinado à dor, à compaixão, mas como *habitat* nosso, os sertanejos, os bichos. É o realismo

fantástico dos que nascem por essas plagas, e não poderia haver dor, ainda que ausentes motivações para alegria, no viver dentro do seio da terra-mater. Se alguém a detratar, nunca haverá de ser nós.

E tudo é narrado, em versos candentes, como algo natural. Não há como maldizer a terra onde, um dia, ainda sem nos darmos conta da vida, nem a vida sofrida severina, enterraram nosso umbigo, a que o vate relembra no soneto “Relíquia”, do qual se extrai:

*“... Que queres tu, Visão! A que anelas? (...) Aqui não há mais gente!”. “Veja que sob o piso da calçada, Janjão guardou ali, bem enterrado, o meu elo com a vida, o meu umbigo.”. “Então, a nada mais anelo! Nada! Somente me sentir aliviado, destas sequelas que moram comigo!...”*

Palmilhem, então, todos, de precatas, tênis ou pés no chão e com o coração, esse caminho com o menestrel, nosso Castro Guerra. Que poderão os poetas, senão apenas cantar, quiçá, esbravejar, na ilusão, talvez vã, ou na convicção do sertanejo forte, de que os “*cantos de estio*” ecoarão, ainda que como “*simples gorjeio de pássaro*”, para que o “*dizer de sertões, catingas e cerrados...*” quedem-se consumados.

Parabéns, meritíssimo! Com nossa reverência!

**Raimundo Marinho dos Santos**  
*Jornalista e advogado*